



A IMPORTÂNCIA DOS BISPOS NA CRISTIANIZAÇÃO DA ISLÂNDIA MEDIEVAL.

André Araújo de Oliveira
Mestre pela UFMA

RESUMO:Essa comunicação tem como intuito apresentar o processo de cristianização da Islândia. A cristianização da ilha foi iniciada pela *allþing*, assembleia geral, de 999, em um processo de longa duração no qual o impulso inicial dado pelo rei Norueguês Óláfr Tryggvason abriu as portas para a atividade episcopal. A primeira sede episcopal islandesa foi implementada em 1056 em Shálholt pelo bispo Ísleifur Gissurarson, essa sede abriria espaço para um papel mais presente do clero na sociedade islandesa, ainda seguidora da religiosidade pré-cristã escandinava. A análise da importância dos bispos islandeses na cristianização se dará por meio da análise de uma das *Byskupasögur*, saga dos bispos, a *Jóns Saga helga*, a saga do santo Jón. Essa saga narra a vida de Jón Ögmundsson (1052 – 1121), o primeiro bispo da diocese de Hólar na Islândia. A documentação analisada servirá para a proposta da comunicação de exemplificação no papel clerical o projeto cristianizador, onde a religiosidade pré-cristã é retirada da vida cotidiana e substituída pela constante presença da Igreja.

Palavras-chave: Cristianização; Escandinávia Medieval; Sagas Islandesas; Sagas dos Bispos.

ABSTRACT:This communication has the intention to present the development of the Christianization of Iceland the Christianization of the island was initiated by *allþing*, general assembly of 999, on a long-term process in which the initial impetus given by King Norwegian Óláfr Tryggvason opened the door to the episcopal activity. The first Icelandic episcopal see was implemented in 1056 by the bishop in Shálholt, Ísleifur Gissurarson, that seat would open up space for a more present role of the clergy in Icelandic society, still following the Scandinavian pre-Christian religion. Analysis of the importance of Christianization in Icelandic bishops will be through the analysis of one of *Byskupasögur*, bishop's saga, the *Jons Saga Helga*, the saga of saint Jón. This saga chronicles the life of Jón Ögmundsson (1052 - 1121), the first bishop of the diocese of Hólar in Iceland. The analyzed documentation will serve to

the proposition of the communication of exemplification of the clerical role in the christianization project, where the pre-christian religion is drawn from everyday life and replaced by the Church.

Keyword: Christianization; MedievalScandinavia; Icelandicsagas; Bishop's saga.

Para a produção da presente comunicação sobre Idade Média a primeira coisa que se deve marcar seria a Idade Média. A historiografia atual se afasta da divisão linear cronológica ainda em voga no senso comum, para se aproximar de uma percepção deste período como contexto onde ocorre um processo pluridimensional que faz por vezes compreendê-la como inexistente. A construção de um período milenar, que se delimita da desestruturação do Império Romano até a descoberta da América, veio como medida pedagógica para produzir um sentimento de unidade a um período profundamente misto (AMALVI, 2006). Dentro da Idade Média existe a **Era Viking**²²⁷ tradicionalmente aponta-se o início da **Era Viking** no ano de 793, ano em que o mosteiro de Lindisfarne foi atacado, e seu fim no ano de 1066 com uma batalha de Hastings em que Haroldo III Sigurdsson foi derrotado pelo rei inglês (BOYER, 2004).

Assim como a própria Idade Média, a “Era Viking” é igualmente complexa e cheia de minúcias. Os “vikings”²²⁸ são fundamentalmente os habitantes da Escandinávia, como os habitantes das regiões atuais da Dinamarca, Finlândia, Noruega, Suécia, Islândia e Groelândia. Estes habilidosos navegadores cruzaram o Atlântico, com seus barcos longos e finos, apropriados para atracar em qualquer praia arenosa (DURHAM, 2002). Esses barcos únicos na sua época foram uma ferramenta de locomoção que fizeram os “homens do Norte” serem conhecidos pelas suas habilidades de saque, comércio e transporte. As relações comerciais chegaram a terras mais distantes como Bizâncio e o Oriente Médio.

Para se compreender como ocorreu a conversão da Islândia é importante compreender como ocorreu a conversão da Noruega. A *Heimskringla* explica que a dinastia “viking” da Noruega começou com a centralização do poder por Haroldo I

²²⁷ A “Era Viking” foi uma construção posterior, sendo que os escandinavos não sabiam que estavam na “Era Viking”, sendo este um período construído pela historiografia. Sendo esse termo muito utilizado pelos documentários históricos atuais devido à popularidade do tema vem adquirindo nos últimos anos (LANGER, 2005).

²²⁸ A discussão historiográfica sobre a utilização dos termos Vikings ou escandinavos foi realizado por Régis Boyer (2004). Islândia, Noruega, Suécia e Dinamarca são etnias distintas com ideias distintas, possuindo uma “uniformidade” no seu idioma.

em 885. Nessa mesma época alguns noruegueses saíam do continente para colonizar a ilha que futuramente seria conhecida como Islândia²²⁹. A autoridade do Haroldo era muito forte nas regiões ao sul, contudo ao norte existia a região de Lade, que não se subjugaria facilmente. Perto do fim de sua vida, Haroldo tinha vários filhos e mulheres, mas abdicou do trono em favor do seu filho Érico I.

Érico I era filho de Haroldo com a rainha dinamarquesa, e governou a Noruega de 933 até 935, quando foi deposto pelo seu meio irmão Haakon I²³⁰. Haakon foi adotado e criado pelo rei inglês Athelstan para ser um cristão, e com este iniciou-se o apoio real ao cristianismo, convidando missionários, como o bispo inglês Sigefridus, e construindo igrejas. O seu apoio ao cristianismo acabaria levando a um conflito interno no qual os seguidores dos costumes religiosos pré-cristãos queimaram igrejas e assassinaram padres missionários. Por volta de 950 os filhos de Érico I se rebelaram com o apoio dinamarquês e tiraram Haakon do trono. Sua morte foi descrita por um poema escáldico, o *Hákonarmál* que é um poema em sua memória, no qual curiosamente Haakon vai para o Valhöll, uma forma de paraíso pré-cristão escandinavo, e não o paraíso cristão.

Haroldo Manto Cinzento, ou Haroldo II, era o filho mais velho de Érico I, e após derrotar seu tio reinou por 10 anos. Contudo, seu reino foi descrito nas sagas dos reis, *konungasögur*, como de colheitas e clima ruim, que foi justificado na documentação devido sua política rígida com o culto as divindades pré-cristãs. Finalmente ele foi morto por um complô entre o líder de Lade e o rei dinamarquês, Haroldo Dente-Azul. Com sua eventual morte, o poder Norueguês ficou dividido entre o reino Dinamarquês e Haakon Sigurðsson.

Com a morte de Haakon Sigurðsson em 995, a Noruega não teria mais nenhum rei que fosse pagão. Olavo Tryggvason²³¹, personagem desconhecido até o momento,

²²⁹ Estudos mais recentes como o de Lesley Abrams (2012) debate o conceito de diáspora para o período de expansão da sociedade escandinava, no qual se apresenta as movimentações e colonizações feitas durante esses séculos como um movimento de expansão em busca de novas rotas comerciais, assim como uma relação problemática com a sociedade hospedeira anterior. Na sua análise, Abrams afirma que o conceito de diáspora se aplica as movimentações escandinavas na chamada "Era Viking". (ABRAMS, 2012, p.38)

²³⁰ Haakon, o bom, foi o primeiro rei a tentar cristianizar a Noruega e marcou o exemplo, segundo a ótica de Sverre Bagge (2004), do que ocorreria na Noruega e Islândia. Uma cristianização tardia, por influência da Inglaterra, e a resistência dos seguidores da religiosidade pré-cristã a nova religião.

²³¹ Olavo Tryggvason, nasceu em 960, filho de Astrid, que logo após o nascimento de seu filho fugiu para a Estônia e Rússia, onde Olavo passou maior parte de sua infância na corte de Vladimir I. Na

retornou a Noruega em 995, aclamando sangue real, enfrentou Haakon, sendo vitorioso, em parte devido as revoltas que Haakon estava enfrentando em todo seu reino. Após tornar-se rei, focou todos os seus esforços para converter o reino ao cristianismo usando todos os meios a sua disposição, centralizando seu poder combatendo o Lade, destruindo templos, torturando e matando resistentes pagãos. Sendo que, o próprio Olavo I²³² é considerado um dos responsáveis pela conversão da Islândia, sua influência duraria até o ano 1000.

A Islândia é uma ilha dentro do Oceano Atlântico Norte com uma área de 103 mil quilômetros quadrados, que está 950 km de distância da Noruega. Ela possui um relevo acidentado com muitas montanhas e nascentes de águas quentes formando gêiser. Apesar de pequena a ilha possui uma grande quantidade de atividade vulcânica, totalizando 30 sistemas vulcânicos. As temperaturas no inverno chegam aos -3° C e no verão 8° C, fazendo um contraste entre o fogo dos vulcões e o frio constante uma das características marcantes.

A ilha se organizava politicamente em torno de assembleias locais chamadas de *Þing*²³³. Essas assembleias estavam sobre o domínio de chefes locais chamados de *goðar*²³⁴, que também eram responsáveis pelo culto aos deuses. Quando ocorriam disputas ou decisões importantes eram levadas para a assembleia geral, a chamada *Alþing*²³⁵, um exemplo, a decisão sobre o cristianismo crescente vindo como uma pressão de Olavo Tryggvason, rei da Noruega. (VÉISTEINSSON, 2000)

juventude e vida adulta entrou na carreira de Viking e é registrado seus ataques a Inglaterra em 991, posteriormente foi convertido para o cristianismo em 994. Em 995 retorna a Noruega e toma o trono de Haakon o grande. Ao se tornar soberano. Fundou a cidade de Trondheim como centro do poder real e depois forçosamente exerceu pressão para converter toda a Noruega, Ilhas do Norte e Islândia (HOLMAN, 2003).

²³² O primeiro rei missionário, chamado assim pela historiografia escandinavista. Recebeu essa alcunha em parte pelo seu fervor ao tentar converter a população ao cristianismo, usando, segundo SnorriSturluson, cronista e nobre, “meios drásticos”. O uso dessas práticas pouco singelas levou o avanço do cristianismo norueguês, que nessa época se concentrava no sudeste da região, para as regiões mais ao norte, assim como a Islândia. (BAGGE, 2005, p.122)

²³³ É a palavra em Nórdico Antigo para assembleia em espaços abertos ou encontros onde se discutem a lei e justiça. Elas eram realizadas com frequências regulares em escalas locais, regionais e nacionais (HOLMAN, 2003).

²³⁴ Os *goðar*, plural de *goði*, eram os líderes locais da Islândia. Sendo inicialmente 36, posteriormente 39 em 965 e finalmente 48 em 1005, seus números aumentaram em paralelo com o “desenvolvimento urbano” da ilha. Originalmente o título não era vinculado diretamente a um território, mas uma relação de patronato com seus seguidores, *þingmenn*. Os *goðar* tinham a função de eleger na Assembleia Geral o *lögsögumaðralém* de que cooperavam entre si em busca de interesses locais e nacionais (HOLMAN, 2003) Além da função política dos *goðar*, tinham na Islândia pré-cristã, uma função no culto a deuses específicos no edifício de culto chamado de *hof*. (SUNDQVIST, 2008, p.224).

²³⁵ *Alþing* é a assembleia nacional da Islândia que se iniciou em 930 (HOLMAN, 2003, p.26).

Na assembleia geral de 999 realizada na planície de Þingvellir²³⁶, com a presença do Falador-das-leis²³⁷, indivíduo eleito a cada três anos responsável pela manutenção das leis, foi decidido pela conversão de toda a Islândia para o cristianismo. As narrativas sobre a conversão islandesa são tipicamente descritas como um exemplo excepcional de uma conversão pacífica. Historiadores como Kathleen Self discordam dessas narrativas ao afirmarem que essa visão ignora as violências físicas, verbais e sociais. (SELF, 2010, p. 182)

A história diz que, poucos dias depois do meio do verão um navio atracou em Vestmannaeyjar na costa ao sul da Islândia. Dois *goðar* eram donos e navegavam o navio, GizurrTeitsson e HjaltiSkeggjasson, e com eles traziam um padre chamado Þormóðr. O rei norueguês Olavo Tryggvason, estava começando a se irritar com a teimosia dos islandeses em não se converterem ao cristianismo apesar de suas tentativas, ele pensava em matar todos os islandeses em seu reinado como retaliação. Os dois *goðar* assumiram um papel vital em evitar esse derramamento de sangue ao tentar converter a ilha. Os dois foram então, imediatamente na direção da Assembleia Geral que iria acontecer no ano de 999, contudo HjaltiSkeggjasson não poderia ir, pois havia sido banido por blasfemar aos deuses. (STRÖMBÄCK, 1975, p. 13)

Ao se aproximar do local da Assembléia Geral, Gizurr convocou seus aliados e amigos para auxiliá-lo, pois havia ouvido boatos de que os opositores ao cristianismo tentariam usar a força para impedi-lo de chegar ao seu destino. Enquanto esperaram os reforços, chegou uma companhia inesperada, HjatiSkeggjasson, que apesar de estar banido de pisar no espaço sagrado da Assembléia Geral resolveu participar da reunião. Chegando ao local da reunião ambos os lados se prepararam para a batalha, mas por pouco não entraram em conflito e decidiram resolver os desentendimentos por meio da Assembléia Geral. Ambos *goðar* cristãos chegados da Noruega falaram do seu encontro com Olavo Tryggvason sobre a pedra da lei, *lögberg*. Ocorreu uma comoção de ambos os lados e o assunto se dividiu completamente entre seguidores da religiosidade pré-cristã e

²³⁶ Hoje em dia a planície se tornou um parque nacional como Patrimônio Mundial pela UNESCO.

²³⁷ *Lögsögumaðr*, o falador-das-leis, era eleito a cada três anos na Assembleia Geral pelos *goðar* na qual tinha um “mandato” de três anos. A cada ano ele teria que citar um terço das leis, de modo que ao encerrar sua vez ele citaria todas as leis. O *Lögsögumaðr* possuía o papel de resolver problemas políticos e decisões nacionais, como o caso da conversão da Islândia (HOLMAN, 2003, p. 26).

os *goði* cristãos (STRÖMBÄCK, 1975, p. 14-15)

Os *goðar* cristãos assim como os seguidores da religiosidade pré-cristã se diziam livres de todos os laços legais com os membros do outro grupo. Os líderes cristãos pediram ao *goði* Ali Þorsteinsson que falasse as leis apropriadas para eles, mas ele se recusou, utilizou da sua influência com o falador das leis, *lögsögumaðr* para que ele dissesse novas leis para todos, inicialmente ele não recusou, mas se retirou para pensar sobre isso. Durante um dia e uma noite ele ficou isolado coberto por sua capa ponderando sobre a situação e na manhã seguinte envia uma mensagem para reunir todos na *lögberg*. *Lögsögumaðr* iniciou seu discurso dizendo que brigas e hostilidades dividiriam a ilha e levariam ao fim de todos. Então apresentou a ideia de todos terem uma só lei e uma só fé, pois se rompesse a lei romperia com a paz. Ambos os lados concordam que sua decisão deveria ser aceita pelos dois lados. E assim ele declarou a nova lei, na qual todos deveriam ser cristãos, mas a exposição de crianças deveria permanecer assim como o hábito de se alimentar de cavalos. Se as pessoas desejassem era permitido sacrificar aos deuses em segredo e se fosse descoberto sofreria um banimento de 3 anos. (STRÖMBÄCK, 1975, p. 16-17)

O primeiro passo para se apresentar uma pesquisa é a sua documentação. O primeiro passo é a origem dessa história com a documentação, as sagas. Um curioso ao procurar no Minidicionário Aurélio (1993) os significados da palavra saga ficaria decepcionado, pois não encontraria nada. Já um dicionário mais vasto como o *Webster's Encyclopedic Unabridged Dictionary of the English Language* (1989) foi possível se satisfazer com uma breve descrição: "Narrativa nórdica ou islandesa medieval em prova das proezas e eventos da história de um personagem, família, etc." ²³⁸

As duas linhas acima transcritas não bastam para descrever uma documentação tão vasta e complexa como são as sagas, por consequência, é necessário procurar uma descrição ainda mais precisa e científica. Na obra de Katherine Holman, intitulada *Historical Dictionary of the Vikings* (2003), foi possível constatar a sua complexidade, uma vez que não se encontrou um único conceito para "saga". Isto, porque a explicação se dá em múltiplos verbetes para as várias sagas, sendo 18 no total.

²³⁸ Tradução própria.

Deste total para surpresa nenhuma delas é uma saga de bispo.²³⁹ Nota-se assim que as sagas são uma documentação vasta abrangendo múltiplos momentos históricos, em diferentes locais e diferentes épocas, normalmente envolvendo a população da Escandinávia.

Completamos com a consulta de Lars Lönnroth (2008), no seu artigo *The Icelandic Sagas*, presente no livro-referência *The Viking World*, foi apresentado à origem etimológica e histórica das sagas. Saga vem do idioma Nórdico Antigo²⁴⁰, significa história, independente do conteúdo dessa história. A palavra é relacionada à *segja*, que significa “falar” ou “dizer”. Contudo é consenso que se tem para estudos que as sagas ou Sagas Islandesas, como também são chamadas, é um tipo específico de prosa narrativa longa e épica escrita em Nórdico Antigo na Islândia medieval algum tempo depois do ano 1150, baseando-se em tradições orais.

Os três tipos mais antigos de sagas são: *fornaldarsögur* (as sagas mítico-heróicas), *konungasögur* (sagas dos reis), normalmente sobre os reis da Noruega e *Íslendingasögur* (as sagas de famílias ou sagas dos islandeses), que falam sobre preeminentes famílias islandesas e indivíduos vivendo no período 850-1050. Outros tipos de gêneros são: *samtíðarsögur* (as “sagas contemporâneas”), que são crônicas de eventos passados no século XII e XIII na Islândia; *heilagramannasögur* (sagas hagiográficas), *biskupasögur* (sagas das biografias de bispos), *riddarasögur* (saga dos romances de cavalaria). (LÖNNROTH, 2008, p.304)

Os textos das sagas mais bem preservados são manuscritos da segunda metade do século XII, sendo ocasionalmente em norueguês antigo, mas normalmente em islandês antigo, sendo claramente maior parte escritas por membros do clero. Esse período de escrita é referido como a “Era Sturlung”, chamado assim devido à família Sturlung, que tivera papel dominante tanto na política como na escrita das sagas sobre sua liderança, incluindo líderes como SnorriSturluson e SturlaThorðarson que também eram reconhecidos escritores de sagas além de patrocinadores dos escritos

²³⁹São elas: *Egils saga Skallagrímsonar*, *Eiríkr saga rauða*, *Eyrbyggja saga*, *Færeyinga saga*, *Göngu-Hrólfs saga*, *Grænlandinga saga*, *Grettis saga*, *Hrólfs saga Kraka*, *Konungasögur*, *Knýtlinga saga*, *Laxdæla saga*, *Brennu-Njáls saga*, *Orkneyinga saga*, *Fornaldarsögur*, *Íslendingasögur*, *Sagasofst.Olaf*, *Völsunga saga*, *Ynglinga saga*.

²⁴⁰O Nórdico Antigo é o principal idioma falado na Escandinávia a partir de aproximadamente o ano 700 d.C. Possui sua origem como uma variação do idioma Germânico, e posteriormente ramificado para o Germânico do Noroeste e doravante a ramificação do Germânico do Norte. Desta ramificação, o Germânico do Norte o Nórdico Antigo tem sua origem. (BARNES, 2008)

alheios. (LÖNNROTH, 2008, p.304)

Lars Lönnroth (2008) defende que a escrita das sagas na Islândia se deve a uma cooperação única entre o clero e os chefes seculares. Na Islândia a liderança política local controlava a instituição clerical e as escolas clericais e por consequência a produção literária. Os líderes, apesar de terem o papel de líderes do culto cristão, eles também se viam como guardiões dos saberes tradicionais da Era pré-cristã, na forma de poesias escáldicas, contos heroicos, genealogias e lendas sobre seus ancestrais, principalmente se eles tiveram um papel importante na história da Noruega e Islândia.

Os escritos se iniciaram no século XII com o livro da colonização, escrito pelo padre Ari Þorgilsson, o sábio, que fala sobre os primeiros colonizadores da Islândia e uma breve síntese histórica da história da Islândia e Noruega. Contudo, não foi até o século XIII que se iniciou uma produção em larga escala dos textos. Estudos indicam que as sagas heroicas foram as primeiras a serem escritas, enquanto as sagas reais vieram algumas décadas depois, e pôr fim às sagas de família pelo fim do século. Contudo datar esses textos é algo notoriamente incerto, e nos últimos anos tem se tornado um exercício continuamente praticado. (LÖNNROTH, 2008, p.305)

Para falar da conversão da Islândia, os primeiros documentos a serem lidos são, a *Kristni saga* e a *Íslendingabók*. A *Kristni saga* (a história da conversão), assim como a *Íslendingabók* (a história dos Islandeses), foram influenciados pela *Landnámabók*, devido a sua escrita ser posterior. Sendo uma das primeiras teorias é a qual se dividiu a história contida na *Landnámabók*, no qual primeiro se escreveu a *Íslendingabók* e o material que sobrou produziu-se a *Kristni saga*. A *Kristni saga* é preservada em um manuscrito medieval, o *Hauksbók*, datado de aproximadamente 1306. (GRØNLIE, 2006, p.xxxii)

A *Íslendingabók* narra a história dos colonizadores da Islândia da sua chegada em 870 até aproximadamente o ano 1118. Escrita por Ari Þorgilsson, um clérigo, entre 1122 e 1132. Nesse documento possui a apresentação da constituição da assembleia nacional na Assembleia Geral, a criação das leis e administração da ilha, assim como o processo de conversão da ilha ocorrida no ano 999, por meio da

influência norueguesa. (HOLMAN, 2003, p.50)

O processo de conversão da Islândia foi continuado na documentação das *ByskupaSögur* que narra a história dos primeiros bispos da Islândia, eventos ocorridos do ano 1045 até 1331. Com histórias como a *Páls saga*, *Árna saga biskups*, *Þorláks saga helga*, *Laurentius saga*, *Hungrvaka*, *Oddaverjapáttir*, *Jóns saga helgae* *Guðmundar saga biskups*. Estas histórias narram a vida de bispos e/ou santos islandeses no processo de cristianização da ilha, incluindo elementos que possuem uma influência dos costumes religiosos pré-cristãos como os milagres²⁴¹. (MCCREESH, 2006, p.1)

As *Bykupasögur* são um dos conjuntos menos populares das sagas islandesas, isso se deve ao seu conteúdo não ter presente os grandes ataques ou saques “vikings” ou descrições de batalhas épicas como as histórias sobre vikings como EgillSkallagrímsson ou HallfreðrVandræðaskáld. Suas informações ocasionalmente parecem ser embasadas em uma escrita anterior ou em alguns casos a história do bispo recém-morto, que é passada oralmente. Essas histórias ocorrem junto com a implementação dos primeiros bispados na Islândia, Hólar e Skálholt, e o crescimento de sua influência com o passar dos anos.

A chamada *Jóns Saga helga* (saga do santo Jón), apesar de ser apresentada pela literatura sempre no singular, ela não é considerada uma saga somente, mas 3 versões diferentes: A *Jóns saga helga S*²⁴² possui somente uma tradução para o inglês, no mesmo compêndio que as *Guðmundarsögur* produzido em 1905 por GudbrandVigfusson e F. York Powell; A *Jóns saga helga L*²⁴³ por ser uma revisão do

²⁴¹ Os milagres são compreendidos por nós como elementos do maravilhoso e imaginário. Esse imaginário oriundo da conceituação de Le Goff (2011), no qual o imaginário remete à imaginação, não somente como a história da imaginação, mas a história da criação e do uso das imagens que trazem a sociedade agir e pensar. (LE GOFF, 2011, p.13)

²⁴² É a versão mais antiga da saga sobre o Bispo JónÖgmundarson, provavelmente foi escrita em associação com a *Vita* latina de GunnlaugrLeifsson comissionada pelo Guðmundr Arason. Sendo que está saga pode ser considerada uma versão resumida da sua *Vita*. Essa saga é composta pelos manuscritos: AM 221 fol.(ca. 1275–1300, defective), AM 222 fol.(ca. 1700), AM 234 fol.(ca. 1340), AM 235 fol. (ca. 1400, defective), AM 391 4to (ca.1690), AM 393 4to (ca. 1700), BLAdd 4867 (ca. 1675–1700), BLAdd 5313 (ca. 1750–1800), Kall 616 4to (ca. 1700–1800), Kall 618 4to (ca. 1725–50), Kall 619 4to (ca. 1750–1800), Lbs 839 4to (ca. 1750–75), Lbs 1442 4to (ca. 1725), Lbs 2243 4to (ca. 1840–50), NBO 367 4to (ca. 1700–1800), NKS 1201 fol. (ca. 1700–1800), NrA 57 (ca. 1330), rask 30 (ca. 1800), TCD 1028 (ca. 1750), and Thott 1770 4to (ca. 1750–1800, defective).(WOLF, 2013, p.180)

²⁴³ Uma versão revisada do início do século XIV, baseado na sua primeira versão mas lembra a terceira versão da saga. Composta pelos manuscritos: AM 205 fol.(1644), AM 210 fol. (ca. 1600–1700), AM 219 fol.(ca. 1370–80, defective), AM 396 fol. (1676), AM 392 4to (ca. 1600–1700), Don.

texto original está presente também na tradução de 1905, mas somente alguns trechos e não sua totalidade. Outro local que se é possível encontrar trechos da documentação traduzida é em uma tradução de 1965 feito por Jacqueline Simpson; por fim, a *Jóns saga helga H²⁴⁴* é uma edição integral da primeira saga com mais milagres inclusos, e ela infelizmente ela só possui uma tradução “recente” para o Dinamarquês impossibilitando a sua análise. (WOLF, 2013, p. 180-197)

Retornando para o foco da comunicação. Após a conversão a ilha por meio da assembleia geral de 999, o papel dos bispos foi gradativamente se tornando mais presente na sociedade em paralelo da expansão da nova fé na ilha. Observando a necessidade de aumentar o controle clerical sobre a região norte da ilha foi decidido a criação de uma nova diocese na região de Hólar. O primeiro bispo encarregado pela gestão e implementação dessa diocese é o bispo JónÖgmundsson.

A vida de Jóns é apresentada na documentação assim como sua origem. Seu avô por parte de pai foi o primeiro dos chefes do quadrante leste da ilha, *Austfirðingafiórðunge*, que se batizou e abandonou oficialmente a religiosidade pré-cristã em nome da nova fé. O destino do bispo está presente antes mesmo dele nascer. Pelo fato de descender do primeiro chefe da sua região, que aceitou o cristianismo, e isso ser descrito na saga, aponta sua importância. Não em um papel real ou palpável, mas é o imaginário construindo um destino para o bispo, no qual até sua linhagem é abençoada. (JÓNS SAGA HELGA, p. 536)

Outro sinal da premeditação do futuro do Jóns, se deu em uma visita a corte na Dinamarca do rei Swein. Era a hora da refeição e todos se sentavam a mesa, e Jóns como uma criança que era, esticou as mãos para pegar as coisas que estavam em cima da mesa, sem se preocupar com formalidades. Sua mãe ao ver isso puxa suas mãos e as bate, para logo em seguida ser reprimida pela rainha da Dinamarca. A rainha disse que não se deveria bater nas mãos deles, pois são mãos de bispo. Novamente o futuro se apresenta para o jovem Jóns, agora vindo de uma rainha

var. 1 vol. XII (ca. 1700), JS 21 fol. (1841), JS 629 4to (ca. 1825–50), Lbs 140 4to (ca. 1750–90), Lbs 671 4to (1846–8), Lbs 795 4to (ca. 1700–1800), Lbs 1402 4to (ca. 1852), Lbs 1573 4to (ca. 1820–30), NKS 1202 fol. (1768), NrA 57 (ca. 1330), Stock. Papp. fol. no. 2 (1689), Stock. Papp. 4to no. 4 (ca. 1600–50), Stock. Perg. fol. no. 5 (ca.1350–65), and Thott 1748 4to (ca. 1760–70). (WOLF, 2013, p.186)

²⁴⁴ Composta pelos manuscritos: AM 392 4to (ca. 1600–1700) and Stock. Papp. 4to no. 4 (ca. 1600–50). (WOLF, 2013, p.193)

cristã.(*JÓNS SAGA HELGA*, p. 537)

Ao crescer, Jóns foi colocado para aprender com o bispo Ísleifr, demonstrando que tinha vocação para aprender os ensinamentos sagrados e os bons costumes. Ele é descrito como um belo jovem, os melhores olhos que qualquer homem poderia ter, cabelos claros, corpo forte. Essa descrição é praticamente de um guerreiro, mas adiciona-se no final seu temperamento gentil e sua voz naturalmente baixa, se tornando querido pelos homens e Deus. (*Jóns*, p.540)

Um dos seus primeiros sinais não naturais da benção do espírito santo, foi ainda em sua juventude. Em uma visita a corte do rei da Dinamarca, o ainda vivo rei Swein, ocorreu uma missa, no qual o rei e sua corte estavam presentes. O padre estava com dificuldade para ler a “Paixão” para os presentes, como se algo pesado o impedisse. Ao observar a cena e escutar os risos que se iniciavam, Jóns avançou e cuidadosamente tomou o livro do padre e realizou a leitura em um tom baixo e belo, ficando todos surpresos com a bela leitura. O rei se emocionou de tal forma que o convidou a ficar por mais algum tempo, e Jóns aceitou (*JÓNS SAGA HELGA*, p.541). Novamente a predestinação aparece na saga onde o Jóns possui uma voz que surpreende a todos e lhe traz o favor de um rei cristão. Poucos anos depois ele foi nomeado bispo.

Jóns possuía uma visão do que era correto, diferente do que era apresentado pela sociedade islandesa. A sociedade islandesa como já comentado anteriormente tem a prática da manutenção da memória seja por poesias ou histórias orais. Contudo, o Jóns acreditava que os poemas amorosos feitos por homens e mulheres como uma forma de brincadeira amorosa era algo negativo e devia ser proibido. Essa separação do que é certo e errado começa a se destacar aqui. O bispo tem um projeto para o que ele vê como uma sociedade correta, e almejável. A questão é, o que ocorre com quem não se encaixa nessa sociedade? Essa pessoa é excluída, transformada na alteridade. (*JÓNS SAGA HELGA*, p.555)

No processo de construir a sociedade cristã o qual almejava o bispo construí o hábito da reza e de frequentar a Igreja. O local de culto cristão não apresentava o mesmo encanto que a crença dos seus antepassados, contudo, com a manutenção da ida a Igreja criou-se o hábito, e o culto ao novo Deus assim como a ida ao local

sacro se tornou normalidade.

Uma das mudanças feita por bispos mais clara na demonstração do seu poder, foi a alteração do nome dos dias da semana feita pelo santo Jóns, no qual se abandonou o hábito de chamar os dias da semana com o nome dos antigos deuses pré-cristãos. Os dias como Odin, Tyr e Thor, se tornaram dias da semana usando a sua posição como referência. Além da perseguição dos dias da semana o bispo também proibiu todos os costumes religiosos e práticas pré-cristãs. (*JÓNS SAGA HELGA*, p.554)

Gradativamente o clero foi ocupando o espaço físico e político que anteriormente era ocupado pela religiosidade dos antepassados e por meio do acréscimo de poder foi-se possível instaurar ideias que anteriormente não seriam aceitas na sociedade islandesa. Uma sociedade que no ano mil as mulheres tinham o direito a divórcio, e os problemas políticos eram resolvidos por meio de uma lei e debates em assembleias foi substituído pelo modelo cristão monárquico no qual os *godar* se subjugaram ao rei Norueguês e as mulheres a Igreja.

Referências:

ANÔNIMO, *Jóns saga helga*. Traduzido por VIGFUSSON, Gudbrand e YORK POWELL, F. In: VIGFUSSON, Gudbrand e YORK POWELL, F. **Origines Islandicae: A Collection of the More Important Sagas and Other Native Writings Relating to the Settlement and Early History of Iceland**. Oxford: Clarendon, 1905.

AMALVI, Christian. Idade Média. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (ORG.). **Dicionário temático do Ocidente medieval**. Bauru: EDUSC, 2006.

ABRAMS, Lesley. Diaspora and Identity in the Viking Age. In: **Early Medieval Europe**. No. 20 (I). Blackwell Publishing Ltd., 2012.

BAGGE, Sverre. A Hero between Paganism and Christianity. Hakon the Good in Memory and History. In: HOFF, Karin et al (org.). **Poetik und Gedächtnis. Festschrift für Heiko Uecker zum 65**. Frankfurt: Lang, 2004. p. 185 – 210.

BAGGE, Sverre. Christianization and State Formation in Early Medieval Norway. In:

Scandinavian Journal of History. No. 30. 2005. p. 107 – 134.

BARNES, Michael P. The Scandinavian Languages in the Viking Age. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil. **The Viking World**. New York. Routledge, 2008.

BOYER, Régis. **Les Vikings**: Histoire et civilisation. Paris: Perrin, 2004.

DURHAM, Keith. **Viking Longship**. Oxford: Osprey Publishing, 2002.

LANGER, Johnni. Revelando a religiosidade Viking. **Saeculum** (UFPB), v. 12, p. 167-171, 2005.

LE GOFF, Jacques. **Heróis e maravilhas da Idade Média**. Petrópolis: Editora Vozes. 2011.

LÖNNROTH, Lars. The Icelandic Sagas. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil. **The Viking World**. New York. Routledge, 2008.

MCCREESH Bernadine. Elements of the Pagan Supernatural in the Bishops' Sagas. In: **13th International Saga Conference**. Durham: University of Durham, 2006

GRØNLIE. Siân. Miracles, Magic and Missionaries: The Supernatural in the Conversion þættir. In: **13th International Saga Conference**. Durham: University of Durham, 2006.]

HOLMAN, Katherine. **Historical Dictionaries of the Vikings**. Oxford: The Scarecrow Press Inc., 2003.

SELF, Kathleen M. – Remembering our violent conversion. In: **ELSEVIER**. Vol. 40, 2010. Disponível em: www.elsevier.com/locate/religion.

SUDQVIST, Olof. Cult leaders, rulers and religion. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil. **The Viking World**. New York. Routledge, 2008. p. 223-226

STRÖMBACK, Dag. **The Conversion of Iceland**: A survey. London: University College London. 1975.

WESBSTER, Merriam. **Webster's Encyclopedic Unabridged Dictionary of the English Language**. New York: Gramercy Books, 1989.

WOLF, Kirsten. **The Legends of the Saints in Old Norse-Icelandic Prose**. Toronto: University of Toronto Press, 2013.

VÉSTEINSSON, Orri. **The Christianization of Iceland: Priests, Power and social Change 1000 – 1300**. Oxford: Oxford University Press. 2000.